

**CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19:
LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS**

CIBERFEMINISMO EN TIEMPOS DE PANDEMIA COVID-19: TRANSMISIÓN EN VIVO Y SUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

CYBERFEMINISM IN TIMES OF COVID-19 PANDEMIC: “LIVES” AND THEIR CRITICAL MULTILEMENTS

DOI: 10.22481/rbba.v1i02.7788

Terezinha Fernandes
Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Brasil
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1040-424X>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4491000679954389>
Endereço eletrônico: terezinha.ufmt@gmail.com

Edméa Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Brasil
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4978-9818>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4023554724278836>
Endereço eletrônico: edmeabaiana@gmail.com

Sara Wagner York
Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4397-891X>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9084306265158131>
Endereço eletrônico: sarayork.london@yahoo.co.uk

RESUMO

O artigo apresenta o fenômeno *live streaming* (trans)feministas no contexto da pandemia COVID-19 no Brasil, em diálogo com o referencial teórico em quatro dimensões: cibercultura na interface cidade–ciberespaço; ciberfeminismo como práticas da explosão feminista; teoria Queer/Crip; multiletramentos críticos.

ISSN 2316-1205	Vit. da Conquista, Bahia, Brasil / Santa Fe, Santa Fe, Argentina	Vol. 09, Num. 2	Dez/2020	p. 82-101
----------------	--	-----------------	----------	-----------

A metodologia foi a etnografia na cibercultura compreendida como prática descritiva densa, em que o campo fornece caminhos para uma prática implicada com os acontecimentos, na qual cartografamos e participamos de *lives*, durante maio e junho de 2020, descrevendo-as em diálogo com o quadro teórico. Constatamos que as *lives* são expressões do ciberfeminismo, ou seja, eventos e práticas (trans)feministas com o uso de tecnologias digitais em rede para o exercício do seu ativismo; extrapolam o espaço da comunicação síncrona entre pares, atingindo diferentes públicos; apresentam comunicação didática de conteúdos científicos; são efetivos artefatos culturais e potenciais artefatos curriculares; quando gravadas (assíncronas) podem ser usadas em outros ambientes on-line; se configuram como ambiências formativas e redes de aprendizagens em que multiletramentos críticos são mobilizados. Concluímos que as práticas ciberfeministas contribuem para a formação política, construção de identidades, empoderamento e fortalecimento de políticas de inclusão sócio cultural de mulheres no nosso tempo.

Palavras-chave: Ciberfeminismo; Ao vivo; Multiletramentos críticos; Cibercultura.

RESUMEN

El artículo presenta el fenómeno (trans) feminista en transmisión en vivo en el contexto de la pandemia COVID-19 en Brasil, en diálogo con el marco teórico en cuatro dimensiones: cibercultura en la interfaz ciudad-ciberespacio; el ciberfeminismo como prácticas de la explosión feminista; Teoría Queer / Crip; multiletramentos críticos. La metodología fue la etnografía en la cibercultura entendida como una práctica descriptiva densa, en la que el campo brinda caminos para una práctica implicada con los eventos, en los que mapeamos y participamos en transmisiones en vivo, durante mayo y junio de 2020, describiéndolas en diálogo con el marco teórico. Constatamos que las transmisiones en vivo son expresiones del ciberfeminismo, es decir, eventos y prácticas (trans) feministas con el uso de tecnologías de redes digitales para ejercer su activismo; extrapolan el espacio de comunicación sincrónica entre pares, llegando a diferentes públicos; presentar comunicación didáctica de contenido científico; son artefactos culturales efectivos y artefactos curriculares potenciales; cuando se registran (asincrónico), se pueden utilizar en otros ambientes on-line; se configuran como entornos formativos y redes de aprendizaje en los que se movilizan multiletramentos críticos. Concluimos que las prácticas ciberfeministas contribuyen a la formación política, construcción de identidad, empoderamiento y fortalecimiento de las políticas de inclusión sociocultural de las mujeres de nuestro tiempo.

Palabras clave: Ciberfeminismo; En vivo. Multiletramentos críticos. Cibercultura.

ABSTRACT

The article presents the (trans)feminist “live streaming” phenomenon in the context of the SarsCoV-2 pandemic in Brazil, in dialogue with the theoretical reference in four dimensions: cyberculture at the city-cyberspace interface; cyberfeminism as practices of the feminist explosion; Queer/Crip theory; critical multiletraments. The methodology was ethnography in cyberculture understood as a dense descriptive practice, in which the field provides paths for a practice implied with the events, in which we map and participate in lives, during May and June 2020, describing them in dialogue with the theoretical framework. We found that lives are expressions of cyberfeminism, that is, (trans)feminist events and practices with the use of networked digital technologies for the exercise of their activism; they extrapolate the space of synchronous communication between peers, reaching different audiences; they present didactic communication of scientific content; they are effective cultural artifacts and potential curriculum artifacts; when recorded (asynchronous) they can be used in other online environments; they are configured as formative environments and learning networks in which critical multiletraments are mobilized. We conclude that cyberfeminist practices contribute to political formation, identity building, empowerment and strengthening of policies for social and cultural inclusion of women in our time.

Keywords: Cyberfeminism; Lives. Critical Multilingualism. Cyberculture.

1 As *lives* como espaços multirreferenciais na cibercultura

As tecnologias digitais em rede – que se materializam em diversos suportes, plataformas e sistemas lógicos em interface com as cidades, o ciberespaço e os artefatos técnico-culturais – vêm instituindo cotidianamente a cultura contemporânea, cultura digital ou cibercultura, como preferimos nomear. Esse híbrido entre territórios físicos, eletrônicos e simbólicos, portanto, representativo, configura o contexto em que diversos fenômenos vêm emergindo, modificando e produzindo novos arranjos às expressões de cidadania (FRANÇA, 2018), práticas culturais e processos educacionais protagonizados por adultos, crianças e jovens. A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e a circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Novos arranjos espaço-temporais emergem e, com eles, novas práticas de pesquisa e formação. (SANTOS, 2019).

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

Estamos estudando um dos fenômenos da cibercultura conhecido como ciberfeminismo. Para nós, ciberfeminismo constitui práticas da “explosão feminista” (HOLLANDA, 2018), que lançam mão de dispositivos e interfaces do ciberespaço para materializar debates e ativismos (trans)feministas¹, seja por coletivos ou por ações individualizadas de pessoas que se autodeclaram (trans)feministas. No guarda-chuva dos feminismos de quarta onda na “explosão feminista”, o ciberespaço aparece como campo, objeto e dispositivo de debates, lutas e ações nos novos ativismos insurgentes. “[...] novos ativismos insurgentes é exatamente aquele que privilegia a autonomia e a ação direta entre pares. Este sim é o grande poder das redes.” (HOLLANDA, 2018, p. 44). Em linhas gerais, reconhecemos o ciberespaço como um espaço multirreferencial (ARDOINO; BARBIER, 1998) de aprendizagem.

Tal acontecimento vem promovendo a legitimação de novos espaços de aprendizagem, espaços esses que tentam “fugir do reducionismo que separa os ambientes de produção e os de aprendizagem [...], espaços que articulam, intencionalmente, processos de aprendizagem e de trabalho” (BURNHAM, 1998, p. 299) e também de enfrentamento. A noção de espaço de aprendizagem vai além dos limites do conceito de espaço/lugar. Com a emergência da “sociedade em rede”, novos espaços digitais, a exemplo das redes sociais, vêm se estabelecendo a partir do acesso e do uso criativo do digital em rede.

Novas relações com o saber vão se instituindo em um processo híbrido entre ciber-humanos (HARAWAY, 2000) e objetos técnicos, tecendo conhecimentos em rede. Espaços multirreferenciais de aprendizagem são para nós, em potência, ambiências formativas. Para que a diversidade de linguagens, produções e experiências de vida sejam de fato contempladas de forma multirreferencializada, nos e pelos espaços de aprendizagem os saberes ganham visibilidade e mobilidade, ou seja, os praticantes culturais precisam ter sua alteridade reconhecida, sentindo-se implicados em uma produção coletiva, dinâmica e interativa, que rompa com os limites do espaço geográfico e do tempo.

Com a intenção de discutir o fenômeno *live streaming* (transmissão ao vivo) praticadas por (trans)feministas em contexto pandêmico, como ambiências formativas que podem inspirar atos de currículos, o texto apresenta este dispositivo de atuação on-line e suas potencialidades. Discute os atravessamentos insurgentes com a crise da pandemia de COVID/19 e que mobilizaram atuações do ciberfeminismo com o digital em rede, apresentando um meme como possibilidade de leitura crítica da mensagem por ele veiculada nas redes sociais e os problemas éticos e estéticos que reforçam estereótipos relacionados à imagem da mulher em suas múltiplas

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

representações; discute o conteúdo de *lives* como produções e autorias disparadoras de debates e reflexões acerca de conceitos importantes aos estudos e práticas feministas plurais (problematizando o corpo cisgênero, ratificando a inclusão trans e reforçando o olhar interseccional do feminismo negro); e, por fim, aponta possíveis multiletramentos críticos mapeados nas *lives* como desdobramentos para operações conceituais, aprendizagens e perguntas para inspirar novas pesquisas.

2 *Lives* como dispositivos de atuação *on-line*

Os usos de dispositivos digitais forjam coletivos, metodologias, múltiplas linguagens e dispositivos de atuação *on-line*. “[...] Talvez, somente agora, a partir de modos de fala e uso das vozes individuais em rede, o feminismo tenha conseguido encontrar um modelo de comunicação efetivamente contagioso”. (HOLLANDA, 2018, p. 47).

Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisá-la sem a efetiva imersão em suas práticas. Esta imersão, ocorrida durante os meses de maio e junho de 2020, deu-se pela etnografia *on-line*, uma prática descritiva, cultural, sensível e aprendente, em que o próprio campo fornece pistas e caminhos para a pesquisa (PEREIRA, 2018), implicada com os acontecimentos e as incertezas como campo de possibilidades. (MACEDO, 2016). No percurso realizado, cartografamos e participamos das *lives*, descrevendo-as em diálogo com o quadro teórico em estudo. Para a compreensão do fenômeno dialogamos com o referencial teórico em quatro dimensões: dos estudos da cibercultura, na interface cidade–ciberespaço em que arranjos espaço-temporais promovem novas práticas de pesquisa e formação (SANTOS, 2019); dos multiletramentos críticos que se desenvolvem nas práticas sociais e engajamentos cotidianos dos sujeitos (STREET, 2014); do ciberfeminismo como práticas da explosão feminista (BUARQUE DE HOLANDA, 2018) as quais lançam mão de dispositivos e interfaces do ciberespaço para materializar debates e ativismos; e da teoria Queer/Crip. (YORK, 2020).

No contexto da pandemia de COVID-19, as *lives* se configuraram como importantes espaços multirreferenciais (ARDOINO; BARBIER, 1998) de aprendizagens e também campos de pesquisa por suscitar a busca de compreensão da hipercomplexidade que as envolvem. Além disso, são meios de comunicação “contagiosos”, ou seja, viralizaram com muita força nas redes sociais, atingindo públicos e interesses variados. Mas o que são exatamente as *lives*?

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

Inicialmente as *lives* se caracterizaram como transmissões ao vivo de shows ou espetáculos musicais. Como disse Lúcia Santaella em uma página de rede social: “[...] Ninguém pode se queixar de sentir tédio. São muitos passarinhos cantando em nossas telas.” (SANTOS, 2020, on-line). Quem são estes passarinhos? Artistas que, para não perder o contato com seus fãs e o público em geral, utilizam interfaces digitais e redes sociais e compartilham shows ao vivo. As telas on-line são as interfaces – meios que permitem que faces se encontrem – entre artistas e público. A interação entre as faces também é mediada pelos chats (salas de bate-papo). Outros grupos e profissionais se apropriaram do conceito e das práticas e ampliaram os usos das *lives*. Assim, conceituamos *lives* como:

[...] transmissões síncronas de conteúdo em forma de vídeo on-line. Esses vídeos se materializam em diversas metodologias. Transmissões de conteúdos individuais e/ou coletivos. Muitas vezes, com interação direta em diferentes plataformas e redes sociais ou em convergências com outras interfaces de textos, a exemplo dos chats (salas de bate-papo). No meio acadêmico, essas *lives* vêm levando e reconfigurando para o ciberespaço eventos científicos já praticados em nossas universidades: palestras, conferências, mesas, rodas de conversas, encontros de e entre grupos de pesquisa, aulas, entrevistas. A diferença agora é que estamos geograficamente dispersos e praticando outras formas de presencialidades em rede. Essas presencialidades são coletivas e atingem um grande público. (SANTOS, 2020, on-line).

A comunicação síncrona (ao vivo – por vezes, disparadora de atividades colaborativas) é a marca das *lives*. Entretanto, sua potência de comunicação também é assíncrona (acesso em diferentes tempos – o que democratiza o conteúdo, valoriza o tempo individual e o estilo de aprendizagem de quem prefere ou precisa estudar sozinho, possibilitando o autoestudo), uma vez que as *lives* podem ser gravadas (record) e disponibilizadas no ciberespaço em diferentes plataformas (KJUS, 2018). A gravação da *live* a transforma em um “artefato curricular” e/ou cultural em potência, ou seja, podemos reutilizá-la em nossas aulas, em atividades formativas ou no âmbito privado e de autoestudo. Além dos usos pedagógicos e curriculares que podem ser feitos com os acervos das *lives*, interessa-nos compreender como os coletivos e as pessoas utilizam o ciberespaço em uma perspectiva crítica.

Em contrapartida, as *lives* são expressões de conteúdo e conversas on-line e não podem ser “reduzidas” a recursos didáticos meramente instrucionais. Nossa experiência com as *lives* ciberfeministas, de maio e junho, revelou que a sua comunicação síncrona promoveu a alegria dos encontros e, sobretudo, o prazer do aprender no “estar junto virtual”. As pessoas se alegram

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

com o aprender em tempo real e se alegram bem mais com os chats das *lives*, que são verdadeiros encontros interpessoais geograficamente dispersos. Além disso, sentimentos de pertença também são revelados quando as pessoas se identificam pelos pertencimentos institucionais.

3 Ciberfeminismo e o digital em rede

Essas práticas sociais no ciberespaço mostram padrões culturais, ideológicos e políticos que constituem os multiletramentos, que se desenvolvem de modo heterogêneo e complexo nas redes sociais, como espaços de potência para produções, autorias e compartilhamentos com o digital em rede. São práticas sociais que mobilizam multiletramentos, que engendram ideologias, poder, identidades e linguagens e, por isso, são lugares de disputa. (STREET, 2014).

Para Fernandes, Cruz e Santos (2020), os multiletramentos, em contexto cibercultural, são entendidos como práticas sociais, e as sujeitas e os sujeitos que as praticam são protagonistas críticos diante dos discursos e das narrativas produzidas socialmente. E, como práticas cotidianas socialmente situadas nas relações de poder, envolvem tensão, resistências, lutas, cocriações, criatividade e a construção de contradiscursos, em oposição às narrativas hegemônicas; nestas práticas, encontramos o lugar da crítica nos multiletramentos. Este lugar se dá pela interpretação e atribuição de sentidos às mensagens veiculadas em rede, as quais contribuem com o empoderamento de mulheres e a ressignificação de valores éticos e estéticos que dialogam com suas pautas sociais e políticas.

Os multiletramentos críticos se desenvolvem nas construções sociais e nos engajamentos cotidianos dos sujeitos (STREET, 2014) e das sujeitas, com diferentes artefatos tecnológicos, gêneros do discurso e uma diversidade de linguagens digitais para a apropriação de significados que se conectam com informações e conhecimentos, dinamizam e transformam o contexto sociocultural, recriando realidades: “[...] Fui na sapataria retirar os papeis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Êle disse-me que não é aconselhavel escrever a realidade.” (JESUS, 1960, p. 105). O ato de uma mulher negra da periferia escrever um livro que expressa aspectos da desigualdade social por ela vivida, traduzida em formas de mobilização popular na luta contra o racismo, a pobreza, a violência e a opressão, pode ser também um ato político, revolucionário e de transformação social. Que multiletramentos críticos esses atos podem nos ensinar?

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

Assim, lançando mão dos múltiplos sentidos atribuídos à realidade (re)criada, as diversas linguagens e expressões de multiletramentos críticos, destacamos aqui o uso dos memes. “Memes são um híbrido de imagem com intervenções textuais de caráter quase sempre irônico com expressões ideológicas plurais.” (SANTOS, 2020, on-line). Nem sempre os memes são expressamente críticos, o que exige de seus leitores atenção e protagonismo crítico diante da mensagem. Mobilizar multiletramentos críticos diante das mensagens digitais que circulam em rede é um desafio cotidiano. Durante a pandemia de COVID-19, não tem sido diferente. Vejamos a seguir um exemplo:



Figura 1 – Meme Os 4 estágios da quarentena

Fonte: https://www.instagram.com/p/B_VZ_ImlCk7/?igshid=1f51aa6tahm35

O meme acima foi divulgado em diferentes perfis na rede social Instagram. Foi copiado e editado muitas vezes. Em nossa leitura crítica, este meme apresenta diferentes problemas éticos associados à estética das mulheres. As imagens da primeira linha do meme devem ser questionadas em relação às imagens apresentadas na segunda linha. A imagem da esquerda inferior mostra uma Monalisa de cabelos crespos e despenteados em comparação com a estética embranquecida e de cabelos lisos da Monalisa da esquerda superior. Muitas mulheres usam seus cabelos crespos, enrolados, encaracolados, carapinhas, trançados, “armados” e penteados afro, a exemplos dos *dreads*. Tais desenhos estéticos relacionados ao “cabelo da moda” são sempre tratados como “fora da normalidade”, como algo “não bem apresentado”, bem representado ou merecedor de apreço “estético”.

A imagem da direita inferior mostra uma Monalisa gorda. Se a compararmos com a Monalisa magra e penteadada da direita superior, constatamos preconceito e apologia à gordofobia. Afinal, a drástica pretensa mudança corporal em apenas um mês de quarentena já

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

revela exagero e se faz inadmissível para padrões normatizadores, que revigoram o corpo magro, atlético e capaz. Ainda que fosse provável que uma mulher engordasse tanto em apenas um mês, as práticas gordofóbicas regulam padrões exaustivos de adequação aos moldes supostamente perfeitos para o consumo. Além disso, o que pensar das pessoas que já são gordas em seu estado “normal”? Vende-se a ideia de corpos magros saudáveis e de corpos gordos como relacionados a doenças que mais atendem a preocupação com marcadores sociais pela mídia do que esclarecem a massa.

Esse meme circulou em perfis de mulheres brancas de classe média, imersas em uma compreensão social sexista e misógina, com salários fixos, que compartilharam, nos mesmos perfis, imagens de bons pratos, aulas de ginástica e outras práticas que revelam seus privilégios de classe e de raça, entre outras tantas interseccionalidades (CRENSHAW, 1990), por exemplo. Na perspectiva dos multiletramentos críticos, não podemos negligenciar a presença de conteúdos que partilham mensagens com disparadores e gatilhos de preconceitos e que suscitam, ao menos, uma reflexão de bom senso e distanciamento de uma narrativa única no conjunto das conversações on-line. (SANTOS, 2020, on-line).

O fenômeno é complexo e jamais poderemos reduzi-lo a uma história única. (ADICHIE, 2009). Adoramos conhecer diferentes pontos de vista sobre o fenômeno das *lives*. Diferentes narrativas provocam sempre bons debates. Vamos conversar sobre esse fenômeno? Com o objetivo de partilhar a nossa experiência com *lives* ciberfeministas de maio e junho, partilhamos com você, leitor, algumas delas. Participamos não como mediadoras diretas, mas como intelectuais públicas (trans)feministas, interessadas pelo tema dos feminismos plurais e, sobretudo, interessadas nas aprendizagens mediadas por pessoas que mobilizam multiletramentos críticos em contextos ciberfeministas. Como usam o digital em rede? De que forma? Que aprendizagens? Vejamos, a seguir, algumas *lives* a que assistimos e que, para nós, representam bem a “explosão feminista” em tempos da pandemia de COVID-19.

3.1 Feminismos, com Heloisa Buarque de Hollanda e Djamila Ribeiroⁱⁱ

Para Heloisa Buarque de Hollanda, a universidade abriu espaço para a entrada de mulheres negras pela via das cotas, mas não deu acesso à voz dessas mulheres. Então dizemos que, seguindo as noções de Spivak (2010), ninguém dá voz a quem já tem, e sim oferecemos escutas. As mulheres negras na universidade precisam embranquecer e virar homens para falar

sobre feminismos negros, e as mulheres brancas precisam virar homens para competir em nível de igualdade na academia. As instituições são brancas, masculinistas; logo, machistas, capacitistas; logo, meritocráticas, colonialmente brancas e, portanto, racistas. E, se não mexermos com a estrutura do seu funcionamento e seus valores sociorrelacionais, as mulheres (cisgêneras, transgêneras e/ou travestis) continuarão sendo apenas objeto de estudo. Por isso, há a necessidade da militância, tecendo fios não alargados quanto à racialidade.

Para a autora, é importante mudar o conteúdo, mas mudar a estrutura é urgente e necessário. Os estudos teóricos são importantes, mas apenas eles não respondem às demandas das comunidades em tempos de pandemia, porque não estamos lá ouvindo essas mulheres e suas necessidades; precisamos estar envolvidas nessas lutas, em especial junto às mulheres das periferias. E foi reconhecendo tais questões ressalta a autora, que a autora criou o Laboratório Feminismo nas Quebradasⁱⁱⁱ, espaço em que dialoga com a vida de mulheres da periferia e suas ações cotidianas.

Hollanda destaca que é de extrema relevância o exercício da escuta e as aprendizagens com as existências e os saberes das mulheres negras, para além do que se estuda na academia. Dialogar com os saberes das avós, dos terreiros, das mulheres que lutam por creches desde os anos 80, enfim, é necessário aprender com elas, mais do que ensinar. Mas a autora reconhece que o saber da academia é fundamental, já que é uma luta histórica de um grupo alijado deste processo, são relações muito mais dialéticas do que dicotômicas. Por isso, reforça que o saber da academia é um legado de resistência das mulheres das periferias, um lugar de reflexão sobre como esses conhecimentos nos constituem.

3.2 Sara Wagner York conversa com Thais.Beto^{iv}

Thais.Beto é a marca que Thais Emilia de Campos dos Santos prefere usar e ser identificada. Beto, na verdade, é o seu companheiro e parceiro na luta pelos direitos de pessoas Intersexo (sempre com “I” maiúsculo, em uma conversa tensionada a partir de hooks). Companheiro que, durante muito tempo, a acompanhou em diferentes atividades em várias cidades e em diversos territórios físicos. Thais.Beto, em conversa com Sara Wagner York, lançou mão da narrativa autobiográfica para tratar de temas recorrentes ligados ao machismo e ao patriarcado. A *live* é uma verdadeira aula do que Hollanda (2018) nomeia como “feminismos da diferença”.

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

Nesta *live*, Thais nos conta a sua história. Abusada em sua juventude, revelou estatísticas de violência sexual que normalmente acontece em contextos domésticos, cujo agressor faz parte da família ou do ciclo mais direto da vítima. Relatou situações de abuso no casamento e nas primeiras experiências de maternidade. A história de vida foi diretamente relacionada com referenciais teóricos de estudos de gênero, uma vez que a *live* também apresentou o livro “Jacob(y), ‘entre os sexos’ e cardiopatas, o que o fez Anjo?” (2020), obra que recomendamos, inclusive. Sara Wagner York é autora do prefácio do livro e revisora do texto, que tem o diário de vida como gênero discursivo. Jacoby, a criança que protagoniza a obra, é uma criança Intersexo que veio a óbito por ter nascido cardiopata grave.

O empoderamento de Thais.Beto vem também da sua experiência como mãe, ativista e intelectual feminista, que se implica com a causa das pessoas Intersexo diretamente ligada à sua experiência de maternidade. A luta pela vida de Jacoby, seu filho, contou com a presença de diversos parceiros, mas também com diferentes lutas travadas socialmente, inclusive na dimensão dos direitos civis. A *live* também contou com presença de seu advogado, que a acompanha há muitos anos. Um fecundo debate sobre feminismo e estudos de gênero se materializou nessa *live*, sobretudo pelo que nos alerta Hollanda:

Os feminismos da diferença assumiram vitoriosos, em seus lugares de fala, como uma das mais legítimas disputas que têm pela frente. Por outro lado, vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, como estratégias práticas criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. (HOLLANDA, 2018, p. 12).

Tanto Thais.Beto quanto Sara Wagner York são (trans)feministas da diferença ou, o que Sara tem chamado, feminismo Intersexo (YORK, 2020b). A primeira é uma mulher Intersexo que luta pelo empoderamento feminino e pelos direitos civis de pessoas Intersexo. Sara Wagner York é uma mulher trans/travesti que luta pela causa trans e por currículos inclusivos, atuando diretamente na autoria de dispositivos de pesquisa e formação que desmistifiquem preconceitos, denunciem violências e que promovam inclusões sociais mais amplas. Ambas são mulheres acadêmicas e professoras que se utilizam de suas histórias de vida como dispositivos para a insurgência de ambiências formativas em rede e nas redes. Não à toa, Sara Wagner York se identifica como travesti da Educação e (atuante) na Educação.

3.3 Djamila Ribeiro conversa com Ruby Bridges^v

Djamila Ribeiro (Brasil) conversa com Ruby Bridges (Estados Unidos), e diversos temas no campo dos estudos sobre racismo emergem dessa conversa. Destacamos aqui a importância que Ruby Bridges deu à sua professora branca em sua história de vida e formação. Ruby Bridges entrou para a história, porque foi vítima de racismo. Foi a primeira criança negra a estudar em uma escola branca no estado da Louisiana-Mississippi. Supremacistas brancos e cristãos manifestaram-se contra a presença dela na escola. Professores locais pediram demissão. Mas nada disso afastou a então criança da escola. Além do apoio dado à família por diversos agentes sociais, uma professora branca veio de outra região e assumiu a classe, educando formalmente Ruby Bridges. A então professora é citada com muito carinho, dando-se destaque à sua generosidade, à sua solidariedade e ao seu profissionalismo.

No texto que apresenta a *live*, Djamila Ribeiro agradece o ator Bruno Gagliasso: “Hoje compartilho a íntegra desse diálogo. Renovo meus agradecimentos ao queridíssimo parceiro @brunogagliasso pela ponte tão bela, potente e inesquecível.”. Mas o que justifica pessoas negras darem destaques e agradecerem a pessoas brancas? Na literatura especializada, o tema do “aliado” nos interessa sobremaneira. Acreditamos que, sem aliados brancos, que reconhecem seus privilégios históricos em relação a pessoas negras, não poderíamos ter conquistado, ontem e atualmente, o debate crítico e a luta antirracista. Afinal, o racismo é um problema dos brancos, como afirmou Tony Morrison. Por outro lado, a histórica disputa entre mulheres brancas e negras imprimiu resistências e desconfianças das mulheres negras para com as mulheres brancas. Nos alerta Hooks:

Precisamos investigar por que de repente perdemos a capacidade de exercer a habilidade e o carinho quando confrontamos umas às outras de um lado ou do outro das diferenças de raça e de classe. [...] Temos que produzir mais trabalhos escritos e testemunhos orais que documentem as maneiras pelas quais as barreiras são derrubadas, as coalizões se formam e a solidariedade é partilhada. São estes dados que vão renovar a esperança e proporcionar estratégias e direções para o movimento feminista do futuro. (HOOKS, 2017, p. 148).

A *live* em questão é um belo exemplo de testemunho oral de alguém que só teve a compreensão do racismo sofrido em sua infância quando adulta, porque, apesar da violência sofrida, foi também acolhida não só por pessoas e movimentos antirracistas negros, mas

também por memórias de bons diálogos com processos formativos fecundos mediados, em sua infância, por uma professora branca antirracista. Em seu mais recente livro, Ribeiro destaca também: “Pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos, para não reproduzi-los.” (RIBEIRO, 2019, p. 36).

3.4 Jornada Feminismos Plurais – Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro^{vi}

Tema que nos implica diretamente, o colorismo é muito oportuno para entendermos as diferentes formas de expressões do racismo e dos privilégios que pessoas negras de pele não retinta vivenciam em relação a pessoas negras de pele retinta e que também apresentam feições menos europeias ou padronizadas esteticamente como brancas, logo, sinônimo de “belo, normal e aceito”. No Brasil, a miscigenação tem origem na cultura do estupro praticada por homens brancos durante mais de 300 anos de escravização, e não escravidão. Dentro do próprio projeto de escravização, o colorismo foi usado como método de desarticulação do povo negro. Uma pessoa de pele clara recebia vantagens da casa-grande e muitas vezes ocupava posições de pessoas brancas no lugar de opressor. Após a abolição, esse processo continuou em curso por conta de práticas de eugenia, principalmente via políticas que favoreceram a imigração europeia e a exclusão intencional de pessoas negras libertas, que foram entregues a si mesmas, não usufruindo de políticas de inclusão sociocultural, sendo sempre associadas à marginalização e a processos perversos de subjugação de suas identidades. Pessoas negras de pele retinta foram associadas a perigo, feiura, subjugação por conta de seu fenótipo.

Obviamente, temos que considerar também as relações inter-raciais promovidas pela interação amorosa entre pessoas de etnias distintas ao longo da história. Esse processo de colorismo aconteceu de diferentes formas, em diferentes países e/ou continentes. O ser “pardo” no Brasil nos apresenta uma complexidade enorme. A “parte” negra dessa mistura muitas vezes foi e ainda é apagada via processos de socialização que privilegiaram apenas a cultura branca e suas marcas culturais. O racismo religioso, por exemplo, não só ignora as religiões de matrizes africanas, como também as exclui e as desumaniza. De acordo com Piedade:

O Racismo Mata. Maltrata. Exclui. Sataniza. E olha que não fomos nós que inventamos o demônio. Já foram combatidos pela colonização. Agora, somos

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

atacados pelo fundamentalismo. Temos muros pichados, com dizeres demonizando nossa Fé. Desrespeito e discriminação no trabalho. Na rua. Nas escolas. Na vizinhança, tudo porque temos outra forma de ver o mundo, cujas origens e raízes são guardadas na matriz africana. O Racismo Religioso não nos dá tréguas. Por isso precisamos caminhar!. (PIEDADE, 2017, p. 37).

Por essas e outras situações, as pessoas de pele clara lidas como brancas e não retintas muitas vezes são literalmente ignorantes, no sentido de desconhecer sua herança negra ancestral, que se materializa pela exclusão da cultura e pelo processo de subjetivação advindas dessa mesma ancestralidade. Alerta-nos Piedade:

Dororidade trata o seu texto, subtexto, das violências que nos atingem, a cada minuto. [...] Sororidade une, irmana, mas não basta para nós – Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade de Não Ser, sendo. (PIEDADE, 2017, p. 16-17).

Na *live* em questão, estas e outras problemáticas são trazidas inclusive para recuperar o lugar de fala das pessoas negras de pele clara como pertencentes ao “povo negro”. Pessoas de pele negra mais escura também têm dificuldades de reconhecer pessoas de pele negra mais clara, uma vez que estas últimas não passam pelos mesmos processos de dororidade, sofridos por pessoas negras de pele mais escura. Muitas mudanças vêm acontecendo neste campo, graças a processos de formação ao longo da vida. As *lives* que emergem nestes tempos de pandemia têm sido ambiências formativas fecundas para a insurgência desses processos formativos em rede.

3.5 Sororidade e Dororidade, juntas no combate da COVID 19! Vilma Piedade, SBPCSC e Ciência da Ciência^{vii}

Vilma Piedade destaca que sororidade é a irmandade entre as mulheres na luta por seus direitos e, assim como a solidariedade, não tem cor. Porém, quando falamos em dororidade, temos que pensar na questão racial e em seus múltiplos atravessamentos, pois o racismo é estrutural, institucional, histórico, linguístico, recreativo e constrói discursos racistas. Vilma Piedade destaca que, embora não tenha o lugar de fala das comunidades e periferias do Rio de Janeiro, sabe que a sororidade e a solidariedade estão presentes nas práticas de mulheres durante a pandemia, em ações como confecção de máscaras para doação, distribuição de *kits* de cestas básicas, distribuição de álcool em gel e ensino de como higienizar as mãos. Essas mulheres se

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

unem pela dor provocada pelo machismo histórico, pois, para mulheres pretas, para além disso, há as questões de raça, classe, gênero e racismo como uma dor a mais, que as tornam mais vulneráveis para determinadas situações que a pandemia escancara, como as desigualdades sociais e raciais.

Para a autora, em tempos de pandemia, é a sororidade na dororidade, ou seja, em um momento de dor, essas mulheres são capazes de gestos de solidariedade, pegando uma na mão da outra para ajuda mútua. Por determinação da Defensoria Pública da União (DPU), há que se declarar raça e cor de quem está morrendo de COVID-19, pois, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o vírus é mais letal para a população preta e parda, pelas condições em que vivem e pela falta de acesso a serviços de saúde, e isso se agrava ainda mais para as mulheres. Por isso, elas lutam para transformar a sua dor em potência.

Para Vilma Piedade, o conceito feminista de dororidade traz consigo o silenciamento, a dor histórica, a vida e a invisibilidade dessas mulheres e dialoga com a sororidade entre elas. Dororidade está nas redes sociais e na boca de jovens em diferentes grupos como um conjunto de ideias e apropriações, para as quais dororidade é a empatia entre mulheres negras unidas pelas suas dores comuns.

4 À guisa de conclusão: que multiletramentos críticos mapeamos com as *lives* feministas?

A produção e circulação de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço com o uso de diversos suportes, plataformas e dispositivos digitais de atuação online, como vimos nas *lives* que participamos, como ambiências formativas à comunicação síncrona e assíncrona entre pares, a comunicação didática e em rede em que as/os/es praticantes culturais lançam mão de diversas linguagens, gêneros do discurso e experiências de vida. Esses novos arranjos espaço-temporais e de aprendizagens que vivenciamos em tempos de pandemia viabilizam também o surgimento de novas relações e processos híbridos entre humanos e objetos técnicos, por meio dos quais diferentes narrativas provocam debates sobre os mais diversos temas.

Esses espaços multirreferenciais de aprendizagens e campos de pesquisa promovem o surgimento de novos coletivos, práticas e metodologias, interação, visibilidade e o estar junto virtual de pessoas geograficamente dispersas, o que, para além do encontro interpessoal, fortalece os afetos, os pertencimentos e as identidades (em um âmbito estratégico e nunca

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

estático). A legitimação desses espaços on-line como ambiências formativas potencializa o trabalho e uso criativo para produções, autorias e compartilhamentos, com desdobramentos e operações conceituais autênticas, que geram novas perguntas de vida e de pesquisa. São espaços que possibilitam a circulação de conteúdos científicos e democratização do acesso de leitoras(es) às(aos) suas/seus autoras(es), professores(as) e alunos(as) e entre outros pares, e ainda este acervo pode se transformar em artefatos curriculares e culturais, uma vez gravados em vídeos e armazenados em redes sociais para acesso e uso posterior à transmissão ao vivo.

As *lives* como potencialidades aos multiletramentos críticos podem mobilizar novos arranjos às expressões de cidadania e de insurgência ao lugar de fala das várias mulheridades. Por meio desse espaço de potência, é possível reconhecer práticas culturais de ativismos, engajamentos, protagonismos e ações de alteridade, produção coletiva, dinâmica, inter-ativa, recre-ativa e profundamente criativas. Essa abertura ao debate, em que tensões, resistências e lutas são travadas nas pautas sociais e políticas, a interpretação e a atribuição de sentidos críticos às expressões ideológicas plurais são disparadoras da construção de contradiscursos ante as narrativas hegemônicas.

Podemos ainda relacionar aos multiletramentos críticos a possibilidade de reconhecer a importância dos estudos do feminismo negro, transfeminismo e feminismo decolonial; as políticas públicas de acesso de mulheres negras à universidade para romper com as políticas de exclusão; a militância de diferentes grupos de mulheres na luta por suas pautas sociais; a escuta e as aprendizagens com as existências e os saberes das comunidades e periferias para uma relação dialética com os conhecimentos da academia; e as reflexões sobre a constituição das identidades dos diferentes grupos de mulheres.

Compreender a importância do combate ao racismo e transfobias com o engajamento de cis-aliadas(os) brancas(os) que reconhecem seus privilégios históricos é fundamental. Tais privilégios ascendem o corpo cisgênero sobre os aspectos transgêneros em um feitiço permanente de supremacia ao sujeito ou sujeita que reafirma as performances sexuais, como disse a ministra da Família, “Meninos vestem azul, e meninas vestem rosa.”; o que excede seria “anomal”, aquela ou aquele que está fora da norma. De modo mais profícuo, ao falar de moda, calças, saias e vestidos, falamos sobretudo de quem os usa. As pessoas negras na luta e no debate crítico antirracista; o colorismo e as diferentes formas de expressões do racismo e dos privilégios de pessoas negras de pele clara em relação a pessoas negras de pele escura; a sororidade como a irmandade entre as mulheres na luta por seus direitos; e a dororidade como

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

a empatia entre mulheres negras unidas por dores comuns são questões fundamentais ao empoderamento e à resignificação de valores éticos, estéticos, sociais e políticos, que contribuem com a luta pela superação dos processos de marginalização e subjugação de identidades e o fortalecimento de políticas de inclusão sociocultural de mulheres, em aspectos menos reativos e muito mais, habilmente, propositivos.

Este texto, escrito a seis mãos, é a materialização de uma prática discursiva imersa no e com os cotidianos das redes sociais no contexto da pandemia de COVID-19, em que as *lives* (trans)feministas se configuraram como importantes espaços multirreferenciais de aprendizagens e campos de pesquisa na cibercultura. Somos três mulheres (cisgêneras e transgêneras) que, juntas, decidimos nos arriscar e criar porosidade nos caminhos do norte global. Acenando enquanto latinas que dialogam com a mestiça Anzaldúa (1987), a negritude de Davis e a interseccionalidade de Crenshaw (1990). A escrita é imersa de afeto em meio ao caos. Com os multiletramentos críticos de Terezinha Fernandes, observamos táticas possíveis de análise. Com Edméa Santos, encontramos acuidade no ajuste de nossas lentes que muitas vezes insistiam em criticar o óbvio. E, com Sara York, uma memória travesti, hijra, fafine, *queer*, crip e de tantas outras mulheres e suas múltiplas mulheridades e feminismos. Um arcabouço teórico potente foi apresentado no texto latino de Heloisa Buarque de Hollanda, que se colocou na linha do trem e nos permitiu agenciar variadas e diversas mulheridades para que compreendêssemos a nossa própria, encharcada de preceitos e colonialidade. Para pensar um corpo cibernético, transgênero e transumano em um desenho criativo de alianças *queer*, crip e pós-humanista. (BRAIDOTTI, 2007).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANZALDUA, Gloria. **Borderlands: The new mestiza**. Aunt Lute Books, 1987.

ARDOINO, Jacques. BARBIER, René. Abordagem multirreferencial plural das situações educativas e formativas. In BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

BRAIDOTTI, Rosi. Bio-power and Necro-politics. **Springer**, *Hefte fur Gegenwartskunst*, v. 13, n. 2, p. 18-23, 2007.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 35-55.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Feminismos, com Djamila Ribeiro e Heloisa Buarque de Hollanda #NaJanelaFestival**. Instagram: @companhiadasletras. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0GuouZGQFfE&t=42s&frags=pl%2Cwn>. Acesso em: 25 jun. 2020.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stan. L. Rev.**, v. 43, p. 1.241, 1990.

FERNANDES, Terezinha; CRUZ, Dulce Márcia; SANTOS, Edméa. Perspectiva social e abordagem crítica dos multiletramentos na cibercultura. **Revista UFG**, v. 20, p. 2-27, 2020.

FRANÇA, Alexandre Nabor Mathias. **Movimentos sociais e o Programa Rio Sem Homofobia: uma trajetória de luta por políticas públicas e o reconhecimento da cidadania LGBT no Rio de Janeiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas em Direitos Humanos) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

INSTAGRAM. **Meme Os 4 estágios da quarentena**. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_VZ_ImlCk7/?igshid=1f51aa6tahm35. Acesso em: 25 jun. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1960.

KJUS, Yngvar. **Live and Recorded**. Music Experience in the Digital Millennium. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento**: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

PEREIRA, Máira Conceição Alves. **Redes Educativas no Terreiro Ilê Omidayê**: uma pesquisa com os cotidianos na cibercultura. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrasexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Djamila Ribeiro conversa com Ruby Bridges**. Instagram: @djamilaribeiro1. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBgpxhfgdFx/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Jornada Feminismos Plurais**: Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro. Instagram: @djamilaribeiro1. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4_u2mRK0Rr0. Acesso em: 25 jun. 2020.

SANTOS, Thais Emilia de Campos dos. **Jacob(y), “Entre os sexos” e cardiopatas, o que o fez Anjo?** São Paulo: Scortecci, 2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: www.edmeasantos.pro.br. Acesso em: 25 jun. 2020.

SANTOS, Edméa. #livesdemaio... Educações em tempos de pandemia. **Revista Docência e Cibercultura**, Notícias Online, 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. **Sororidade e Dororidade, juntas no combate da COVID 19!** Vilma Piedade, SBPCSC e Ciência da Ciência. Instagram: @sbpcsc. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5B1VGqFo3s&feature=youtu.be>. Acesso em: 25 jun. 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CIBERFEMINISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: LIVES E SEUS MULTILETRAMENTOS CRÍTICOS

YORK, Sara Wagner/GONÇALVES JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação:** Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-graduação. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020b.

YORK, Sara Wagner/GONÇALVES JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta. **Sara York conversa com Thais.Beto.** Instagram: @sarawagneryork. 2020a. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_g6re4JuLu/. Acesso em: 25 jun. 2020.

NOTAS

ⁱ Paul B. Preciado nos convida à discussão pungente, lançando mão de que o “transfeminismo radical tem de ser uma base mínima” e completa: “eu não tenho de comprometer mais, não confio naqueles que não se questionam, não refletem nem desenvolvem uma posição crítica mínima sobre o sexo e o sistema patriarcal. [...] Lá estou eu com a intenção clara e fixa de conseguir um posicionamento político menos retrógrado (para não dizer o mínimo) e que a grande necessidade de assumir manifestamente uma política (trans)feminista é reconhecida de uma vez por todas, e de implementar o que já existe no subsolo e opera rizomaticamente com grande força, mesmo que estejamos constantemente a ser tornados invisíveis e esmagados”. (PRECIADO, 2014, p. 306-307, tradução nossa).

ⁱⁱ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0GuouZGQFFE&t=42s&frags=pl%2Cwn>. Acesso em: 08/11/2020.

ⁱⁱⁱ É um núcleo do projeto Laboratório de Teoria e Práticas Feministas, que tem por objetivo a formação teórica de mulheres das periferias com foco na questão de mulheres em territórios de vulnerabilidade e na criação de projetos, formação de redes e ações que visem à transformação social e cultural das comunidades e favelas do Rio de Janeiro, coordenador por Heloisa Buarque de Hollanda e Numa Ciro (<https://pacc.letas.ufrj.br/feminismo-na-quebrada/>).

^{iv} Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_g6re4JuLu/ Acesso em: 08/11/2020.

^v Disponível em: Link: <https://www.instagram.com/p/CBgpxhfgdFx/> Acesso em: 08/11/2020.

^{vi} Disponível em: Link: https://www.youtube.com/watch?v=4_u2mRK0Rr0

^{vii} Link: <https://www.youtube.com/watch?v=j5B1VGqFo3s&feature=youtu.be>